

PARA UMA MUSEOGRAFIA COM OBJECTOS DESCARTÁVEIS

Alfredo Ramos Anciães

A) ABORDAGEM

É nossa opinião de que os Museus locais poderão participar na resolução de problemas ambientais e sociais através de objectos museográficos, concebidos pontualmente, segundo os tipos de problemas a tratar.

A defesa do ambiente e qualidade de vida na **Bacia Hidrográfica do Rio Trancão** (2) por exemplo, passa através da sensibilização e formação no seio das populações por acções promovidas:

*pela Autarquia,

*pelos Museus,

*pelo sistema educativo formal e

*por outras Organizações envolvidas nas questões do ambiente.

Exemplo: Associação de Desenvolvimento do Ambiente Amigos do Concelho de Loures, Associação de Beneficiários do Concelho de Loures, Associações de Escuteiros, Associações de Bombeiros, etc.

As acções de exposição, quanto a nós, poderão (e de preferência) basear-se na forma de **objectos tridimensionais** (3) descartáveis, não se excluindo o aproveitamento de informação em outros suportes, utilizados, no entanto, como complementos descritivos e/ou de cenário.

O Museu e/ou Equipas de Acção Museal procurarão executar cópias dos objectos e, se possível, distribuí-los-ão pelas Escolas e Colectividades. No entanto, a gestão dos custos (4) poderá, apontar para a itinerância/partilha dos mesmos.

B) O PROBLEMA A TRATAR:

Poluição e assoreamento na bacia hidrográfica

DESCRIÇÃO DA ACÇÃO: Exposição sobre o ambiente na bacia hidrográfica do Trancão.

JUSTIFICAÇÃO E METODOLOGIA DA ACÇÃO:

Sensibilizar e formar para os perigos da degradação do ambiente, apresentando as vantagens da museografia descartável que facilita a itinerância e partilha dos objectos museográficos pelas Escolas e Colectividades.

A duração temporária dos objectos explica-se, sobretudo, quando a função comunicacional para que os mesmos foram criados perdeu eficácia e, sendo assim, já não faça sentido permanecerem como obstáculos, sobrecarregando o Museu ou Organizações para-museais com custos de:

Acomodação e preservação.

Assim, findo o tempo de eficácia da comunicação, poderá fazer-se o "descarte" das réplicas e, eventualmente, dos objectos originais.

C) MEMÓRIA DESCRITIVA:

A seguinte acção assenta em meios físicos e de infounação, tais como:

OBJECTO (MAQUETE) (43x31x3 cm.) baseado na carta do Concelho de Loures (Editada pelo Instituto Português de Cartografia e Cadastro).

ESCALA = 1:100.000 (aprox.)

Nota em relação à escala:

Uma definição e apresentação mais apropriada dos problemas seria conseguida -aumentando a dimensão do objecto, até se atingir um equilíbrio entre os custos e eficácia da informação.

Creemos que uma escala de 1: 50.000, permitiria, p. exemplo, localizar os principais agentes poluidores na paisagem. Este formato (1:50.000) seria ainda facilmente manuseável para efeitos de itinerância / partilha, pelas Escolas e Colectividades, quase como uma maleta pedagógica (5).

MATERIAIS EMPREGUES: (6) Colticite, cartão, tintas e cola à base de resina.

D) NOTAS EM RELAÇÃO ÀS CORES:

O Verde - a Norte do concelho e; manchas negras -- a Sul e Leste.

- **Aposta-se na simbologia dos contrastes.** Em casos pontuais introduz-se mesmo representações hiperbólicas (7). A ideia é sensibilizar e até "provocar" fazendo recurso a algumas amplificações das malfeitorias.

É como se estivessemos a ver as malfeitorias por uma lente de aumento, mas com os cuidados necessários para não dar a ideia de uma atitude sistematicamente exagerada das representações e provocar, assim, o descrédito, em vez da sensibilização.

Alguns excessos, neste trabalho, devem-se também, ao facto da dimensão do objecto ser de reduzida dimensão, logo, o nível de definição/representação no terreno teve de generalizar-se.

O verde a norte, por exemplo, e uma hipóbole generalizadora, no sentido em que a área coberta de verde não é, na realidade, tão homogénea e livre de despreocupações.

Neste caso corre-se alguns perigos da representação a Norte do Concelho não ter um cariz crítico. A representação **hiperbólica exagera os benefícios a Norte, no que toca à preservação da paisagem** mas não no que toca aos cursos de água, visto que e a Norte que começa a grande poluição e assoreamento.

É a montante, nos concelhos vizinhos de Loures que começa a agressão às linhas de água:

Na agricultura, na pecuária, nos matadouros, na metalurgia, nos lacticínios, nas estações de serviço automóvel, fábricas de sebo, etc.

As manchas pretas a Sul e Leste. São uma hipérbole que exageram os malefícios, de um modo geral.

Correspondem ao espaço mais urbanizado e mais industrializado.

Na prática a realidade não se apresenta com esta linearidade, mas uma informação mais correcta e menos generalista é a que pode ser sugerida e/ou introduzida pelas populações locais.

A participação das populações, neste tipo de museografia com réplicas descartáveis, vai até ao ponto de, na sua exposição, se permitir a possibilidade de correcções pontuais das cores, conforme o conhecimento específico do próprio meio em que vive a comunidade.

Trata-se, assim, de uma modalidade de museografia em processo, que permite aprendizagem pela prática e não de produtos acabados, sem intervenção das populações.

Uma dimensão para o dobro, ou mais, do nosso modelo, permitiria definições mais reais, podendo-se até representar os poluidores -- a), b) ... y) -- na paisagem.

O FACTOR SELECÇÃO:

A representação no nosso modelo, joga ainda com o factor selecção de elementos (i. é., poucos elementos representados).

Reforça-se assim a ideia de que, a informação terá de passar, essencialmente, com auxílio dos contrastes hiperbólicos da cor em cima de uma forma, excluindo tudo o que possa ser acessório ou marginal para a apresentação e recepção da informação. Nesta óptica não se representam no modelo os edifícios, nem as vias de comunicação porque em nossa opinião trariam ruído de informação para uma comunicação rápida, sensibilizadora e até mesmo provocadora da situação a que chegou o Sistema Hidrográfico do Trancão.

E) NOTAS FINAIS

sobre as vantagens esperadas pela acção:

1. Mais divulgação e democratização do ensino e das acções museais, permitindo:

2. Mais vantagens económicas para o Museu ou Organizações para-museais-Escolas, Bibliotecas, Arquivos, Ministérios, etc., no médio/longo prazo - porque os custos de preservação, acomodação e armazenagem acabam ao mesmo tempo em que se faz o *descarte* dos objectos.

Participa-se, assim, na resolução dos problemas de espaços nos Museus, dada a impossibilidade dos mesmos poderem guardar objectos:

a) cada vez em maior número,

b) em maior volume e em maior quantidade de problemas a tratar e em maiores exigências por parte dos públicos/populações, na recepção da informação.

Os Museus (para lá da sua especificidade) como sistemas de comunicação têm concorrentes e terão que competir com os mesmos, usando a imaginação sem ficar preso nas teias de modelos comunicacionais esgotados.

3. Interactividade, dado que os objectos *descartáveis* têm como função: Mais fruição e utilização no momento da sua exibição, permitindo-se tocar nos objectos e até alterar aspectos de nação menos correctos por proposta e/ou acção de elementos da população.

4. Experimentação e aprendizagem (*) donde resultará uma maior criatividade. museal e pedagógica, valorizando-se o objecto criado pelas populações actuais e futuras. No sistema escolar, estes modelos poderão ser a base desencadeadora de trabalhos no âmbito da Área-Escola, em estreita colaboração com os Museus.

5. **Mais disponibilidade dos técnicos das Organizações museais ou paramuseais**, em projectos futuros, em vez do privilégio da função - conservação de objectos, cuja utilização ou reutilização é, tantas vezes, duvidosa.

6. **Melhor acompanhamento das problemáticas em mudança**, porque os técnicos passam a ser mais investigadores e mais comunicadores, utilizando meios de expressão e comunicação sempre actualizados.

7. **"Desfetichização" (**)** da carga simbólica dos Museus que adoptem a dinâmica da museologia centrada na comunicação de ideias e problemas, através de objectos descartáveis, em vez da apresentação massificada de séries de objectos herdados que pouco mais despertam no observador do que um estado contemplativo do passado pelo passado, quando não de fastio/saturação.

..
(* *Exemplo de EXPERIMENTAÇÃO E APRENDIZAGEM - Junto a uma maquete pode apresentar-se materiais, tais como: Pincéis, tintas, colas, corticite, etc. que permitam às populações: escolar e não-escolar - fazerem correcções nos modelos apresentados, em especial, quando se trata da apresentação de réplicas.*

(**) *Por FETICHIZAÇÃO entendemos a carga simbólica (geralmente distorcida da realidade) atribuída aos objectos, geralmente intocáveis:*

ANEXO

FOTOGRAFIA DA MAQUETE DO SISTEMA HIDROGRÁFICO DO TRANCÃO NO CONCELHO DE LOURES E PARTE DOS 6 CONCELHOS LÍMITROFES

CONCELHO DE ARRUDA DOS VINHOS

CONCELHO DE LISBOA

1. Por *descarte*, entendemos qualquer um dos seguintes destinos aos objectos museográficos: **Doação, permuta, transformação, venda ou destruição**. Quanto à informação referente aos mesmos objectos, esta pode ser preservada em suporte de papel "permanente" e/ou em suporte magnético, cujo custo, no médio/longo prazo, é inferior à preservação dos objectos tridimensionais que raramente são reaproveitadas na exposição de problemas e quando o são é com dificuldades de integração em novos cenários.

Com este armazenamento da informação, pode em qualquer altura recuperar-se a ideia para a sua investigação e reconstrução, se necessário.

2. Consideramos A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO TRANCÃO um segmento do **Património social/comunitário** de toda uma população vizinha. **Este património** poderá inserir-se (se quisermos) no conceito de ECOMUSEU de que poderemos considerar todo o território afim, do ponto de vista geográfico, cultural e económico.

3. Caso do objecto em referência, exposto no V Encontro Nacional de Museologia e Autarquias, em Dezembro, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro. (V. imagem em anexo)

4. É na óptica da partilha e itinerância dos objectos pelas Organizações sociais com envolvimento no meio e pela economia de recursos que se aponta para as vantagens deste tipo de museografia, ao

invés da preferência de objectos museológicos, geralmente entre vitrinas, que dificilmente levarão à realização de exposições processo (*)

*** Por EXPOSIÇÕES PROCESSO entendemos as acções expositivas em que há uma participação das populações no tratamento dos temas, e na procura de soluções para os problemas. Estas acções expositivas envolvem a ideia de continuidade na investigação, na experimentação, na criatividade, na avaliação e na reformulação, com vista a alcançar a melhoria dos interesses das populações.**

5. Na realidade a museografia que aqui introduzimos, destaca-se da maleta pedagógica, essencialmente, porque é descartável, mas também porque é potenciadora, em nosso entender, de maior aprendizagem ao permitir-se a alteração dos modelos nas próprias Escolas. Neste caso um objecto museográfico pode ser inicialmente apresentado, apenas com a informação básica e cada Escola poderá completar os modelos, segundo as suas próprias experiências, conhecimentos e investigações no terreno e na documentação. Os objectos podem ser fotografados, antes e depois das intervenções nas Escolas, para se poder avaliar e acompanhar o processo.

6. No início do projecto anunciámos a construção do objecto em material sintético leve. Posteriormente resolvemos optar pela corticite, pelas seguintes razões:

- a) A corticite é um produto natural,
- b) É nacional,
- c) Não provoca níveis de poluição, como acontece com os produtos sintéticos leves à base de *sprays*, fluorcarbonetos, polietilenos, etc.
- c) A corticite é mais apropriada para um trabalho que trata da temática poluição / despoluição.

7. HIPERBÓLICA (HIPÉRBOLE) = que exagera para produzir maior impressão no espírito.